



Discurso de tomada de posse do bastonário da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães

5 de fevereiro de 2020

A Sua Exa. Senhor Presidente da República Portuguesa,

É uma honra e um privilégio contar com a sua mensagem.

Uma distinção que dignifica e valoriza a nossa medicina, a nossa saúde, os nossos doentes e os nossos médicos.

Muito obrigado.

Exa. Senhora Ministra da Saúde,

A sua presença valoriza esta cerimónia e confere à OM o reconhecimento e a relevância que a mesma representa para a Saúde em Portugal.

Muito obrigado.

A OM continua a estar disponível para contribuir para as soluções que a saúde e o país precisam. Peço-lhe que olhe para as Ordens Profissionais, como parceiros que podem ajudar a encontrar os caminhos que permitam destacar a marca SNS e proteger os doentes, nomeadamente através da recuperação do respeito, da dignidade e motivação dos profissionais de saúde.

Permita-me que na sua pessoa cumprimente todos os representantes das instituições, associações, sindicatos e organizações aqui presentes.

Exmo. Senhor Prof. Carlos Ribeiro, meu mandatário nacional e ex-bastonário da OM, Muito obrigado por ter confiado em mim e ter sido, durante os últimos anos, um conselheiro experiente e informado, uma voz ativa na defesa da qualidade da medicina, da relação médico-doente e dos valores éticos e deontológicos do ser médico. O seu empenho e qualidade constituíram um estímulo para todos nós, e ajudaram a fazer da OM uma estrutura mais respeitada na sociedade civil. Permita-me que na sua pessoa cumprimente todos os bastonários (...) e médicos presentes, e deixe um louvor especial a todos os meus mandatários e apoiantes.

Cumprimento de forma especial o **Presidente e o Vice-Presidente da AR** da OM. Felicito os **presidentes dos Conselhos Regionais**, António Araújo, Carlos Cortes e Alexandre Valentim Lourenço e, nas suas pessoas todos os colegas eleitos para os corpos gerentes da OM. Cumprimento com estima e respeito, na pessoa do Prof. **Paulo Coelho**, todos os colegas que se candidataram às últimas eleições. Todos somos necessários para honrar a instituição Ordem dos Médicos e continuar a defender os doentes e a dignificar e prestigiar a nossa profissão.

Uma saudação calorosa a todos os meus amigos na pessoa da minha mulher, **Fátima Carvalho**, que simboliza a determinação de quem não sabe o que é desistir.

Um reconhecimento grato muito especial a todos os **colaboradores da OM**, de norte a sul do país, que todos os dias fazem a instituição. A instituição são as pessoas, são todos vocês. Muito obrigado.

Permitam-me que nas pessoas da **Manuela Oliveira**, da **Ana Rodrigues** e do meu colega e amigo **Eurico Castro Alves**, deixe um abraço fraterno a todos os colaboradores da Ordem que contribuíram para esta bonita cerimónia.

Distintos Convidados, Estimados colegas e amigos,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Não posso esconder a honra e o privilégio que sinto ao reconquistar a liderança da Ordem dos Médicos. É um dia especial na minha vida e quero partilhá-lo com todos vós e todos os que contribuíram para a minha reeleição.

Naturalmente que, a esta dimensão pessoal, acresce um enorme sentido de responsabilidade resultante de uma expressiva vontade manifestada pelos médicos portugueses, naquela que foi a maior participação de sempre em eleições da OM, com 93% dos médicos a renovarem a sua confiança no meu mandato.

Estou ciente que o trabalho que tenho pela frente é ainda mais árduo e de uma enorme exigência.

A minha primeira palavra é de gratidão. Muito obrigado por acreditarem e pela confiança que depositaram no projeto que lhes apresentei; pela legitimidade e representatividade reforçadas que me conferiram; e pela evolução positiva que protagonizaram em matéria de participação eleitoral.

Os médicos deram um sinal importante à sociedade civil, aos decisores políticos e ao poder económico de que estão preocupados com a Saúde dos portugueses e com o seu próprio futuro; que estão cientes dos desafios que se colocam à profissão; que querem ter uma voz ativa nas matérias que interferem com a qualidade da medicina e a segurança clínica, e que não ignoram a relevância social, política e institucional que a Ordem representa.

Mas é também um sinal de que não aceitamos permanecer em silêncio quando estão em causa os nossos doentes, a nossa dignidade profissional e até a nossa integridade física, como recentemente se percebeu com a lamentável sucessão de agressões.

Quero deixar uma palavra de respeito, afeto e solidariedade para com todos os colegas que estão na linha da frente e que continuam a dar a cara pelo nosso serviço público de saúde, a servir os portugueses, mesmo nas condições adversas que o SNS atravessa atualmente. Muito obrigado e bem hajam.

No seu livro “Ser Médico”, o Prof. Carlos Ribeiro afirma “Fomos vítimas, em particular, de políticos que geraram expectativas que não puderam concretizar e que nos elegeram facilmente como os responsáveis pelo fracasso dos seus projetos por sermos a face visível do sistema de saúde”. Esta afirmação do Prof. Carlos Ribeiro não podia ser mais verdadeira.

Mas a verdade é que, apesar do esforço de alguns políticos e de alguns críticos, a imagem pública dos médicos e da sua Ordem está bem melhor que aquela que pretendem fazer passar através das redes sociais e dos órgãos de comunicação social. Senão vejamos o que nos dizem as últimas sondagens independentes:

- O estudo GFK realizado em janeiro de 2019 sobre confiança nas profissões, revelou que os bombeiros (nível de confiança 8,8 - 94%), os médicos (7,7 - 83%) e os professores (7,5 - 83%) são as profissões em que os portugueses mais confiam e são também, as duas primeiras, as mais respeitadas (bombeiros 89%, médicos 83%). Só para que conste, na cauda da tabela os portugueses colocaram os políticos (3,2 - 18%) e os banqueiros (4,6 - 36%);
- O estudo da Intercampus realizado em janeiro de 2020 sobre “para igual experiência na profissão, que profissionais acha que deveriam ganhar mais?”. Perante 4 hipóteses, mais de 70% dos portugueses escolhem os médicos (38,9%) ou os professores (31,8%). A causa salarial dos juízes (4,2%) e dos deputados (1,6%) parece reunir menos simpatia! Questionados ainda sobre se devem ser agravadas as penas para agressores de médicos e professores 78,2% dos inquiridos concordaram. Sem comentários!

De resto, a **defesa da marca SNS** faz-se:

- Recuperando, cuidando e valorizando os profissionais de saúde;
- Criando condições de trabalho adequadas ao exercício profissional;
- Adotando um novo modelo de governação centrado na gestão do conhecimento;
- Defendendo orçamentos específicos para políticas de qualidade de vida (a saúde em todas as políticas);
- Fomentando o acesso universal a plataformas tecnológicas de informação, bases de dados, algoritmos e IA, baseadas na melhor evidência científica;

- Promovendo a investigação, fomentando a inovação e integrando a experiência;
- Melhorando a integração entre níveis diferentes de cuidados de saúde através dos especialistas em MGF e em medicina interna (gestores dos doentes);
- Envolvendo os cidadãos nos cuidados de saúde através da literacia, formação e processos participativos no sistema de saúde;
- Denunciando as situações irregulares que colocam em risco os doentes e os profissionais;
- Corrigindo as insuficiências existentes;
- Transformando e reconstruindo o SNS, propondo as reformas necessárias;
- Combatendo as desigualdades sociais, a influência negativa da informação não factual, o predomínio das “economias financeiras” ...;

Não se defende a marca SNS ocultando o que está mal, promovendo um clima de medo para silenciar as pessoas, tentando responsabilizar pelas insuficiências os profissionais de saúde ou outras instituições, ...

Queremos uma saúde para todos, aquela que esteve na génese do SNS, um serviço público construído por médicos e por outros profissionais de saúde.

Quem não se recorda do serviço médico à periferia, do internato médico e das carreiras como pilares fundamentais desta história. Não há evolução se não houver respeito pela história destes 40 anos e do caminho aberto antes da criação do SNS.

Pretendo reafirmar a todos que podem contar com uma OM forte e comprometida com o bem comum, que não escolhe o caminho mais fácil por ser o politicamente correto ou dominante.

É, portanto, com uma confiança reforçada que reassumo as funções de bastonário da OM e, com estas, o desafio de concretizar os compromissos programáticos que assumi ao longo do processo eleitoral. Um bastonário que represente todos os médicos, no sector público, privado ou social.

Caros Colegas,

Distintos Convidados,

Sei que o programa que tracei para o mandato é ambicioso. Mas tenho prioridades claras na sua execução.

Como tornei público nas minhas intervenções de campanha, a ética e a relação médico-doente, a formação e a qualidade da medicina estarão novamente no topo dessas minhas prioridades.

A defesa intransigente dos pilares da Ética Médica, do JHipócrates e do Código Deontológico é a primeira prioridade que todos temos o dever de honrar. São estes pilares que continuarão a estar sempre presentes na minha intervenção, e que serão utilizados como critérios de escrutínio de decisões políticas, organizacionais e gestonárias.

Por circunstâncias diversas que a maior parte de nós conhece, a relação entre os médicos e os doentes está ameaçada. Assistimos a uma tendência perigosa de transformação da nossa profissão numa tarefa excessivamente administrativa. Estamos sujeitos a uma teia burocrática cada vez mais densa que condiciona diária e permanentemente a nossa atividade clínica, e que prejudica a saúde dos doentes e dos médicos.

A OM não pode aceitar este caminho como uma inevitabilidade. Não podemos, como anteviu o Professor Daniel Serrão, aceitar que a medicina seja funcionalizada. Estaríamos a trair a matriz ético-filosófica da nossa profissão e o seu espírito humanista, do qual não prescindimos.

Após a publicação do livro “relação médico-doente, um contributo da Ordem dos Médicos” vamos persistir no reconhecimento da relação médico-doente e da sua essência humanista como património cultural imaterial da Humanidade.

É fundamental agir, sem medo e com determinação, e continuar a contribuir com soluções concretas.

Criar o órgão independente do Provedor de Saúde (do Doente), medida que já mereceu a aprovação da Assembleia de Representantes em dezembro, e que contamos concretizar brevemente numa proposta a ser submetida à AR.

Após a publicação em DR do regulamento dos tempos padrão de consultas e exames, é essencial concretizar outros objetivos que valorizem a relação médico-doente, a qualidade da medicina e a segurança clínica. É o caso da definição e publicação em regulamento no DR das equipas-tipo, por especialidade, para o serviço de urgência. De igual modo, é necessário insistir na redução progressiva da dimensão das listas de utentes dos médicos especialistas em MGF.

Os médicos de família, como de resto todos os médicos de outras especialidades, têm que ter tempo para acompanhar os seus doentes, participar de forma efetiva em projetos de promoção da saúde e de prevenção da doença, participar na investigação clínica, realizar formação contínua e apoiar a formação especializada dos jovens colegas.

Portugal já tem especialistas de MGF em número suficiente para cobrir todas as necessidades do território, considerando o país e não apenas o SNS, o que reforça a obrigação de intervir, promovendo a implementação destas medidas.

Ainda na relação médico-doente, temos que continuar a exigir que o Ministério da Saúde assegure uma eficiente gestão dos recursos tecnológicos que tem à sua disposição, procurando rapidamente diminuir o grau de inoperância que atualmente ainda se verifica.

É indispensável aperfeiçoar e simplificar as aplicações informáticas, assegurando a sua interoperabilidade e não descurando o investimento em equipamentos.

A OM apresentou, no início de 2019, uma proposta integrada sobre esta matéria, que continua a aguardar resposta por parte do Ministério da Saúde.

Vamos continuar o trabalho desenvolvido pela OM através do gabinete nacional de apoio ao médico vítima de burnout, violência física ou psicológica, assédio moral ou

sofrimento ético. É cada vez mais premente salvaguardar a integridade física e mental dos profissionais, que trabalham sob elevados níveis de stress e ansiedade.

De resto, é essencial declarar a profissão de médico como uma profissão de risco e desgaste rápido (responsabilidade sem paralelo na sociedade civil, taxas muito elevadas de burnout, sofrimento ético, suicídio, divórcio, EAM, ...).

A publicação em DR do regulamento dos atos próprios dos médicos (ato médico), constituiu um passo importante para a proteção dos doentes e a qualidade e diferenciação da medicina. Este regulamento veio integrar e reforçar a legislação já existente, nomeadamente no que diz respeito ao papel da liderança nas equipas de saúde.

A este propósito não posso deixar de recordar e condenar a consagração das terapêuticas sem evidência científica (TNC) na nova LBS, ao mesmo tempo que o ato médico era eliminado. O nosso legislador e poder político preferiram, na LBS, as TNC ao ato médico.

Preferiram a valorização da pseudociência em detrimento da verdadeira ciência suportada pelo método científico. Esqueceram-se da pegada de Armstrong na Lua, dos transplantes, da hepatite C, da SIDA, dos comboios de alta velocidade, dos aviões, das plataformas digitais móveis, como os computadores e os telemóveis, da IA ... Um verdadeiro retrocesso civilizacional e científico, que só não vai acontecer porque a evolução da ciência é mais forte que a política. E os políticos precisam da ciência, pelo menos quando estão doentes. Como médico português tenho vergonha que tal tenha acontecido. Não podemos ignorar os potenciais riscos que estas medidas podem ter na saúde e na segurança dos doentes. O legislador e poder político não acautelaram o superior interesse dos cidadãos.

Os doentes devem ser defendidos destas e de outras realidades, como por exemplo da publicidade enganosa. Na qualidade de bastonário, continuarei a estar na linha da frente do combate na defesa dos doentes e da humanização dos cuidados de saúde.

Serei igualmente exigente naquela que é uma das funções mais nobres da Ordem dos Médicos: a defesa da qualidade da formação médica.

A defesa dessa qualidade começa na formação pré-graduada, pelo que é imperioso adequar o *numerus clausus* às capacidades formativas pré e pós-graduadas.

A existência de médicos sem especialidade não serve a causa pública nem a qualidade da medicina.

É também meu objetivo continuar a promover internamente um processo de revisão dos internatos médicos, e implementar as recomendações das auditorias independentes realizadas em 2019.

Considero essencial reforçar o Fundo de Apoio à Formação Médica criado em 2018, e promover o desenvolvimento profissional contínuo. O Fundo já apoiou centenas de médicos na participação em ações de formação e na publicação de trabalhos científicos.

No mesmo sentido, proponho fomentar programas de desenvolvimento profissional contínuo integrados com a carreira médica e revitalizar esta, reforçando os graus de qualificação profissional, a celeridade e transparência dos concursos públicos, e a sua extensão ao sector privado e social.

Hoje foi nomeada a Comissão de Trabalho Independente, liderada pelo médico Mário Jorge Neves, que tem por missão promover e publicar o “Novo Relatório das Carreiras Médicas”. Este trabalho vai constituir a trave mestra da proposta que a Ordem dos Médicos irá apresentar em 15 de Setembro ao país para salvar e reforçar o SNS, reconstruir e transformar todo o sistema de saúde e valorizar as carreiras.

Vai ser criado um “Laboratório de ideias e políticas de saúde”, um projeto inovador que irá envolver profissionais de várias áreas distintas, e vamos avançar com o projeto “salvar vidas” em parceria com outras instituições.

Continuarei a defender uma política de qualidade em Saúde, valorizando os indicadores e resultados da atividade clínica e investigação (métricas de qualidade e “cuidados de saúde baseados em valor”). A excessiva valorização das métricas numéricas (consultas, cirurgias, ...), sem as condições adequadas, está a contribuir para a exaustão das pessoas e do sistema e a diminuir a qualidade.

Mas o que não está na dependência da OM é a sangria de médicos especialistas que se tem registado no SNS nos últimos anos, o que cria condições cada vez menos favoráveis à obtenção de capacidades formativas.

Senhora ministra da Saúde, Prof^a Marta Temido,

Conto com a sua colaboração ativa nesta questão. É indispensável dotar os serviços de saúde com mais recursos técnicos e humanos, com melhores condições de trabalho, que salvaguardem a dignidade e a segurança clínica e física dos doentes e dos médicos, para que possamos manter os bons cuidados de saúde e melhorar a capacidade formativa, mantendo o elevado nível de qualidade que nos é reconhecido internacionalmente.

Não podemos transigir nesta matéria e a Ordem não vai abdicar das avaliações e critérios que têm permitido aos nossos médicos terem uma formação de excelência.
(...)

Com 81 anos de existência, a OM é uma associação pública que goza de um enorme prestígio na sociedade portuguesa. Tem desempenhado um papel fundamental na defesa intransigente da qualidade da medicina portuguesa e dos valores éticos e humanistas que a sustentam. Mas, a sua intervenção ultrapassa a esfera de autorregulação profissional, constituindo-se como um ator fundamental e uma voz ativa em matérias relativas às políticas de saúde.

Como bastonário, não abdicarei desse papel. A Ordem será um parceiro ativo junto do poder legislativo e executivo, intervindo sempre que estiver em causa a qualidade da medicina e o acesso da população a cuidados de saúde qualificados.

Queremos colocar a experiência, o conhecimento e a competência inegável dos nossos médicos ao serviço de políticas de saúde mais justas e equilibradas para os portugueses. Apoiar a reforma do sistema de saúde, colocando a pessoa, o doente como figura central e conferindo-lhe informação, autonomia e responsabilidade na gestão do seu percurso de vida e de saúde. Uma política de saúde que consagre o SNS e as suas potencialidades evolutivas, que respeite, escute, valorize e dignifique os médicos. Participar de uma aposta renovada naquelas que devem ser as traves mestras da política de saúde: a promoção da literacia em saúde e uma política efetiva de promoção da saúde e prevenção da doença.

A Ordem apresentou uma proposta inovadora nesta área e assinou um protocolo com o Ministério da Saúde / ACSS em 2018, que disponibilizava o acesso universal e gratuito, para os 10 milhões de portugueses, a quatro plataformas digitais (up-to-date, BMJ best practices, Dynamed e Cochrane), com algoritmos de decisão clínica e informação científica validada e atualizada sobre saúde e medicina, com conteúdos específicos em língua portuguesa para todos os cidadãos.

Uma aposta inteligente na literacia em saúde, na prevenção da doença, no apoio à decisão clínica e na formação contínua dos profissionais de saúde e, em especial, dos médicos. Uma proposta com impacto na melhoria da qualidade da medicina e da saúde, e no centrar o sistema nas pessoas através do poder que se dá aos cidadãos e aos doentes de conseguirem optar pelas melhores soluções.

Infelizmente o atual Ministério da Saúde ainda não cumpriu o protocolo assinado.

Ainda assim, não vamos desistir de implementar uma medida absolutamente essencial para o nosso sistema de saúde e, em particular, para o SNS.

De resto, a importância estratégica que a indústria farmacêutica e tecnológica assume no desenvolvimento da medicina, da formação e da investigação clínica é fulcral, ainda mais num tempo em que o apoio do MS continua a ser praticamente inexistente.

Caros colegas e distintos convidados,

O contributo dos médicos é insubstituível para a Medicina. Sem Medicina, a Saúde fica doente. Por isso é imperioso implementar e reforçar o papel da OM na missão de auditar, acreditar, certificar e regular a qualidade da Medicina e da Saúde em Portugal, na produção de recomendações clínicas e na publicação da carta de recomendações dos padrões humanos, técnicos e científicos, adequados ao exercício da medicina.

Os médicos estão disponíveis para ajudar a construir uma Saúde melhor. O nosso Presidente da República já lançou o repto de um pacto para a Saúde, assente em princípios fundamentais de consenso alargado na sociedade e em compromissos políticos duradouros.

Na resposta a este repto, concretizou-se a Convenção Nacional da Saúde como um espaço de diálogo e de construção de soluções para um consenso alargado. Na primeira reunião da Convenção, o Presidente da República proferiu as seguintes palavras “Importa nunca esquecer...que o princípio e o fim, o alfa e o ómega, do Serviço Nacional de Saúde, têm nomes e tem rostos. E têm biografias e tem dramas. São as pessoas. São os Portugueses”. E é isto que nos deve unir.

Os referidos compromissos obrigam a assegurar condições que salvaguardem: o financiamento adequado para devolver ao SNS a sua identidade genética e permitir as reformas necessárias; o investimento na valorização das pessoas e o reforço do capital humano; a aposta séria na formação e na investigação; o reforço do papel da medicina privada de proximidade e de pequena dimensão.

A OM está, como sempre esteve, disponível para aceitar, negociar e propor soluções que melhorem a saúde e a qualidade de vida dos portugueses.

Senhora ministra, em nome do interesse nacional e do bem público permita-me que lhe faça três desafios para os próximos três anos:

Criar as condições de trabalho necessárias para mantermos os nossos melhores valores, os jovens médicos e os médicos mais experientes. Dar-lhes um projeto de trabalho, um propósito ao qual possam ser fiéis. Valorizar e respeitar o seu trabalho e

as suas competências. Sem eles o SNS fica mais fraco, a capacidade de inovação e formação mais distante e a massa crítica perde solidez. Portugal é um país envelhecido. Não podemos deixar o SNS continuar a envelhecer com ele.

Devolver a equidade ao SNS, criando as condições necessárias para corrigir as insuficiências das regiões mais periféricas, mais desfavorecidas e mais carenciadas. Portugal é um país pequeno. Mas persistem grandes assimetrias que têm que ser corrigidas. Uma medida inicial e sensata seria reavaliar e declarar oficialmente as unidades de saúde mais carenciadas do país, em recursos humanos, técnicos e estruturais, e a proposição expressa de um plano de convergência que permita restituir a justiça no acesso aos cuidados de saúde.

Encontrar uma solução justa e eficaz para que os nossos doentes não desesperem nas listas de espera para primeira consulta hospitalar ou para cirurgia, para além do tempo clinicamente aceitável (cumprindo os TMRG).

Esta solução deve ser encontrada preferencialmente dentro do SNS, mas caso não exista essa possibilidade o Estado tem a obrigação de garantir o acesso aos cuidados de saúde necessários, de acordo com as regras que o próprio definiu (TMRG). Se justificável recorrendo ao setor privado e social, como de resto, já o faz com as cirurgias. O SNS é de todos os doentes. Os doentes não podem esperar meses ou anos para serem atendidos ou tratados.

Corrigir as desigualdades territoriais e sociais em saúde é uma obrigação de todos nós.

O grande desafio, Senhora ministra, como diz o Prof. Carlos Ribeiro, reside no reconhecimento de que tudo começa com o ato médico, que consiste na comunicação entre dois seres sem interferência de terceiros.

A Ordem estará naturalmente disponível para ajudar a ultrapassar estes desafios.

(...)

Caros colegas e amigos,

Prometi há três anos ser o bastonário de todos os médicos e tenciono cumprir o compromisso que agora, humildemente, renovo na vossa presença. Exercerei esta liderança com espírito de diálogo, de cooperação e de compromisso absoluto com todos os órgãos sociais eleitos e com todos os médicos portugueses. Mas também com todos os parceiros sociais.

Pronto para servir, tudo farei para afirmar a Medicina em que acreditamos, para fazer respeitar e valorizar os doentes e os médicos.

Conto com o vosso precioso e indispensável apoio. Juntos somos mais fortes.

Convido todos os médicos a participar de forma ativa na vida da OM, uma forma de também se comprometerem com o país e com a saúde de todos nós.

Vamos agora ao trabalho!

Muito obrigado. Bem hajam!